

Um homem, ou um regime?

6.XII.49

RAUL PILLA

Grandes e belos discursos são os que geralmente profere o sr. José Américo; particularmente grande foi o discurso que ele pronunciou há dias no Sedado. Em linguagem candente, fez o libelo de uma política sem grandeza, sem inspiração, sem ideal, de uma política que na impostura, na subserviência e na traição se funda. Dir-se-ia o anatomista a dissecar um corpo putrefato.

Nada há que acrescentar na análise magistral que ele nos deu da atual situação brasileira; e nada há que atenuar no sombrio prognóstico que estabeleceu. Ou o Brasil presta ouvido às vozes proféticas, que, como a do sr. José Américo, procuram adverti-lo e salvá-lo, ou está inteiramente perdido.

«Acentua-se a decadência moral — diz o orador. Um regime que se corrompe é um regime perdido. O Brasil corre o risco de afundar-se. Precisa-se de um homem. Nunca o Brasil teve tanta necessidade de um homem. Precisamos de um homem de Estado à altura do seu papel pela composição e pela mentalidade, pela autoridade política e pela autoridade moral. Um homem que, antes de merecer os nossos sufrágios, mereça a aprovação popular do seu passado, de sua conduta pública, dos seus desígnios. Um homem que saiba distinguir entre os interesses pessoais e os interesses nacionais. Um homem capaz de enfrentar nossos problemas com energia e lucidez. Uma cabeça firme e um discernimento claro para ter decisão. Um homem que venha nos socorrer nesta adversidade. Que nos tire das dificuldades. Que resolva alguma coisa. Que saiba falar e ouvir, sentir e compreender. Que tenha uma envergadura, uma experiência, um espírito, um programa. E que subjuguem a desordem sem ter medo da liberdade».

Nenhuma dúvida há que precisamos de um tal homem. É em situações como a nossa, que os povos não definitivamente condenados encontram os seus grandes homens. Temo, porém, que se esteja a exagerar o fator pessoal. Não, que ele não seja grande; não, que não possa tornar-se decisivo: senão, que com ele se dissimule e mascare e despreze o fator essencial da nossa decadência, o fator que, antes de tudo, mister se faz remover.

Se é a nossa, atualmente, uma questão de homens, é por ter sido e continuar sendo uma questão de regime político. Creio havê-lo demonstrado várias vezes, e ainda há dias o fiz cabalmente da tribuna da Câmara. Se são os homens que põem em prática o regime, é o regime que forma, educa, seleciona e condiciona os homens. Visão superficial, embora pretensamente realista das coisas, visão estreita seria a que tudo quisesse reduzir aos homens e inteiramente desprezasse as instituições. Por pouco que se aprofunde a análise, não se pode deixar de perceber que o quadro tão eloquentemente apresentado pelo sr. José Américo é, de fato, o da última ruína de um sistema político. A mediocridade, a leviandade, a incapacidade, a irresponsabilidade, a amoralidade dos homens, mais do que defeitos dos indivíduos, são falhas do regime que tais indivíduos permite e favorece no trato da coisa pública.

Este é o ponto que geralmente se ignora ou despreza, e que o terrível libelo do sr. José Américo poderia fazer esquecer. Precisamos realmente de um homem como o pinta o orador e, quase se diria, o está apontando com o dedo. Temos tal homem e possível é, até, que mais de um tenhamos, senão com a mesma projeção, possivelmente com iguais virtudes. Mas, ainda que tal homem conseguíssemos levar à presidência da República, não teríamos resolvido, com isto, o problema político brasileiro. Reclama-se simplesmente um homem. Que poderia, porém, fazer um homem, apanhado nesta terrível e viciosa máquina de poder, que é o presidencialismo brasileiro? Que poderia fazer um homem, contra vinte outros homens que governam os Estados? Concedido que a sua forte personalidade o preservasse de influência deformadora do regime e que ele conseguisse realmente repor o país na senda do bom governo, ainda assim que segurança teríamos de que a tal homem providencial se seguisse outro homem de iguais méritos, que esperança poderíamos ter de que o país, momentaneamente levantado da sua prostração pela ação excepcional de um homem, nela não mergulhasse de novo pela ação inelutável do regime?

Precisamos de um homem, precisamos não de um, senão de muitos homens, mas ainda mais precisamos de um regime. Em outros termos, precisamos de um homem que, despreendendo-se das seduções do poder pessoal, queira darnos um sistema político capaz de produzir governantes, em vez de simples industriais do poder.

É, pois, muito mais sério, muito mais complexo, muito mais profundo o mal político brasileiro. Não tanto se trata de homens como de regime, pois este é que nos pode dar ou tirar os homens de que carece a vida pública brasileira. Este aspecto, porém, é o que por completo esquecer, ainda a homens da altitude mental de José Américo.

Um
acontec
ca foi
servado
governo
transfo
outros
revolu
revolu
se su
graças
verno
cracia
blica,
de qu
parlan
zar p
A c
ficou
produ
Nova-
memb
nica
tas
ram
vel e
edime
a me
vara
dele
bene
polit
Te
Aust
por
do c
radi
gres
trab
vérr
ta
não
regi
prá
vo,
der
sen
ção
os
o c
me
ser
e
raf
cor

me
ma
gr
nã
ur
ex
Te
si
p
co
a
d
t